

BERNAT, Isaac Garson. Incêndios, o encontro entre a dramaturgia de Wajdi Mouawad e a encenação de Aderbal Freire Filho - o impacto de uma tragédia contemporânea no teatro brasileiro. Rio de Janeiro: Faculdade CAL de Artes Cênicas (Faculdade CAL). Professor de Interpretação; ator, diretor.

RESUMO

A presente comunicação busca refletir sobre o processo de construção cênica do texto *Incêndios*, do autor libanês Wajdi Mouawad, pelo diretor Aderbal Freire Filho, bem como a repercussão da montagem no atual panorama teatral brasileiro. Há mais de um ano em cartaz, e com sucesso de crítica e público, a peça tem sido objeto de discussões e debates sobre o impacto que uma tragédia de estrutura clássica, mas com uma temática contemporânea, pode causar no público e no próprio meio teatral. O fato da adaptação do texto original de Mouawad ter chegado ao Brasil inicialmente através do filme indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, *Incêndios* do canadense Denis Villeneuve, também será cotejado com a análise deste fenômeno. É importante ressaltar que o autor deste trabalho participa como ator da montagem brasileira, o que configura a possibilidade de se desenvolver um trabalho que alia o exercício artístico à reflexão teórica, tão cara a categoria de artista/pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: tragédia: encenação: teatro contemporâneo: cinema

BERNAT, Isaac Garson. Incêndios, la rencontre entre la dramaturgie de Wajdi Mouawad et la mise scène d'Aderbal Freire Filho - la répercussion d'une tragédie contemporaine sur le théâtre brésilien. Rio de Janeiro : Faculté CAL d'art de la scène (Faculté CAL). Professeur d'interprétation ; comédien, metteur en scène.

RÉSUMÉE

Cette communication veut réfléchir sur le processus de construction de la mise en scène de *incêndios*, texte de l'auteur libanais Wajdi Mouawad par Aderbal Freire Filho, metteur en scène, ainsi que la répercussion de cette même mise en scène sur le panorama théâtral brésilien. À l'affiche depuis presque un an, succès auprès de la critique et du publique, le texte a fait l'objet de plusieurs discussions et débats sur l'influence qu'une tragédie de structure classique et de thématique contemporaine peut avoir sur le public et sur le milieu professionnel théâtral. Le fait que l'adaptation du texte original de Mouawad soit arrivée au Brésil tout d'abord par le film du canadien Denis Villeneuve, indiqué à l'Oscar du meilleur film étranger, sera aussi traité par l'analyse de ce phénomène. Il est important de souligner que l'auteur de ce travail participe, comme comédien, de cette mise en scène ce qui lui donne la possibilité de développer, en même temps un travail à la fois artistique et théorique et/ou de recherche.

MOTS CLÉS: tragédie: mise en scène: Théâtre contemporain: cinéma

O texto de *Incêndios*, foi escrito ao longo de dez meses, durante o ano de 2003, pelo dramaturgo libanês, Wajdi Mouawad. Neste período, o autor contou com a contribuição dos atores envolvidos no processo de ensaio, o que

refletiu na escrita dramatúrgica. No prefácio do livro publicado com o texto da peça em português Mouawad comenta :

É importante dizer, importante fazer com que se ouça : *Incêndios* nasceu desse grupo, fui atravessado por sua escrita. Passo a passo, até a última palavra.(MOUAWAD : 2013, 9)

A primeira montagem da peça aconteceu em 14 de Novembro 2003, pela companhia de teatro de Mouawad, Abé Carré Cé Carré, no Canadá e faz parte de uma tetralogia, juntamente com *Litoral, Florestas e Céus*. Devido a repercussão da peça na Europa, esta acabou se transformando num filme dirigido pelo canadense Denis Villeneuve. Um fato muito curioso é que no Brasil o filme foi apresentado antes da peça em 2010. Com isto, grande parte do público pensava que a peça, dirigida no Brasil por Aderbal Freire Filho era uma adaptação do filme e não o contrário. O espetáculo que estreou no teatro Poeira em 19 de setembro de 2013, apresenta como principal característica o impacto que o trágico pode causar no público contemporâneo. Após a estreia da montagem, no Rio de Janeiro, a atriz Maria Padilha confessou que saiu do teatro com uma sensação que deveria ser semelhante ao público que assistiu à primeira montagem de Édipo Rei em Atenas. Este comentário espontâneo, dito por uma atriz, revela muito do que tem sido a repercussão desta montagem no Rio de Janeiro. Reações semelhantes têm ocorrido em cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte, Vitória, e São Paulo.

Neste momento, quando vemos diariamente na televisão e na internet, pessoas serem decapitadas no oriente médio, o texto de *Incêndios* é de uma contemporaneidade avassaladora. Inspirado nas guerras do Líbano e em todas as pequenas e grandes tragédias provocadas por estes conflitos, Mouawad, ele mesmo, uma vítima desta situação (aos dez anos exilou-se no Canadá), estabelece uma tensão entre o oriente em chamas e o ocidente aparentemente distante deste caldeirão. Ao contar a história de Nawal Marwan fugida do Líbano depois de torturada e violentada num presídio, o autor cria sua ficção inspirada em fatos reais, como o incêndio de um ônibus lotado, do qual Nawal foi testemunha ocular.

Mesclando ingredientes típicos de uma tragédia clássica com fatos de uma tragédia moderna, como no estupro da protagonista Nawal Marwan ocorrido na prisão pelo seu torturador, o próprio filho, separado da mãe desde o nascimento, por questões religiosas, o autor consegue provocar uma catarse na plateia. Isto se amplia, quando é revelado que além do filho ter violentado a própria mãe, é também pai dos seus dois filhos, ou seja, o filho que violentou a mãe é pai dos próprios irmãos. A primeira referência que nos assalta é sem dúvida o infortúnio de Édipo e Jocasta - há claramente esta inspiração- no entanto, a maneira como o incesto se deu e a tragédia que daí advém, estão completamente mergulhados no absurdo e nas barbaridades presentes nos conflitos atuais. O fato de se tratar de uma mulher comum que não pertence a elite do poder, nos aproxima ainda mais desta tragédia, pois não se trata de um filho de nobres como Édipo ou mesmo Hamlet. Como bem nos lembra Raymond Williams :

Na tragédia grega, a ação dizia respeito a famílias reinantes, embora essas famílias fossem usualmente "heroicas", no sentido de pertencerem a uma época passada e legendária, intermediária entre deuses e homens. Posição social elevada e estatura heroica eram então condições da importância geral da ação: a um só tempo pública e metafísica. A eminência do que hoje chamaríamos o herói trágico é, nesse sentido, uma condição social abrangente

e representativa; a ação incorpora uma visão total da vida. (WILLIAMS : 2011, 41)

Neste sentido, é possível dizer que *Incêndios*, dialoga profundamente com o momento atual, sem o desvio de outro tempo. Segundo o historiador americano Stephen Geenblatt, Shakespeare sempre quis falar da sua Londres, mas não podia por questões políticas, por exemplo, dizer abertamente, que havia algo de podre no reino da Inglaterra. Em determinado momento da peça *Incêndios*, o personagem Chamsedine diz para Sarwane, um dos gêmeos de Nawal: “Você está ouvindo a minha voz ? Parece a voz dos séculos antigos, mas não Sarwane, é de hoje que data a minha voz”. Ao construir sua encenação, é exatamente esta relação, de trazer a peça e o espectador para o momento presente, que o diretor Aderbal Freire Filho busca em todos os níveis da montagem. Logo no começo, isto se evidencia ao colocar a atriz Keli Freitas que faz o papel de Jeanne, um dos gêmeos, entrar pela plateia e subir ao palco onde a história vai ser contada. Estabelece-se desta forma um código particular para o público, ao se ressaltar que aquela história está acontecendo neste espaço e neste tempo, diante dos seus olhos.

No texto de Mouawad a peça começa de outra maneira, pela cena seguinte a da montagem brasileira, ou seja, dentro do escritório do tabelião Lebel. Ao tomar esta decisão, Aderbal antecipa outra cena mais adiante. No entanto, esta escolha coloca a plateia efetivamente no momento presente, pois a peça começa antes do terceiro sinal, com a atriz entrando pela plateia iluminada e subindo ao palco para procurar a enfermeira que cuidou da sua mãe e que agora trabalha num teatro. Esta inclusão do espectador é mais acentuada ainda quando o tabelião, vivido pelo ator Márcio Vito, ao invés de convidar os gêmeos para entrarem no seu escritório, como está indicado no texto, se dirige ao público, dizendo: “entrem, entrem, é só uma passagem...se eu fosse vocês não entraria”. Enquanto isto, os gêmeos estão em outro tempo-espaço, absortos num movimento que nos remete a dois bebês agarrados, da maneira como de fato foram recebidos dentro de um balde pelo pastor Malak, ao serem entregues por Fahim carcereiro do presídio de Kfar Haiat. As escolhas do diretor buscam o tempo todo atrair o espectador para a história que está sendo contada, mas sem buscar uma ilusão, através de efeitos que na verdade tirariam do público a possibilidade de estabelecer conexões com suas próprias referências ou até com a falta delas.

Este movimento de alternâncias espaciais e temporais, a inclusão da plateia na ação e o jogo aberto nas transformações de um mesmo ator em vários personagens, acentuam o caráter épico da montagem. Assim, pode se ver o mesmo ator (o autor desta comunicação) em sete personagens, utilizando poucos elementos, exercitando a observação ativa do espectador para concretizar estas diferenças através de mudanças corporais e vocais. O mesmo acontece com atriz Fabianna Melo e Souza e seus cinco personagens, três deles em sequência direta. Pela mesma razão, a atriz Marieta Severo passa por todas as idades e fases da personagem Nawal dos 15 até sua morte.

A coragem destas escolhas provocam a inteligência do público que em nenhum momento consegue ficar passivo diante do que vê. A opção por um cenário único, árido, com portas de ferro e telas nos transporta para um campo de refugiados e sugere a devastação de um mundo que perdeu seu rumo. Este panorama desolador é ressaltado por Nawal ao falar do ônibus incendiado com pessoas dentro: “O tempo é uma galinha cuja cabeça foi cortada, o tempo

corre como um louco, pra lá e pra cá e de seu pescoço decapitado o sangue vai nos inundando e nos afogando”.

Através de objetos e algumas traquitanas, Aderbal Freire Filho nos leva para o Líbano ou para o Canadá, para o deserto ou para o museu do presídio de Kfar Haiat. Os objetos contam a história junto com os atores. A cena em que um dos atores faz a sonoplastia de um tiro com um sarrafo de madeira aos olhos do público, surpreende o espectador pela simplicidade de um gesto teatral, quebrando com a ilusão naturalista que é frequentemente obtida através da gravação de um tiro real.

Um dos fatores que estimularam o meu interesse para realizar este estudo a partir das relações entre o texto do libanês Mouawad, a montagem brasileira de Aderbal Freire Filho e o filme do canadense Denis Villeneuve, foi provocado pelo forte impacto causado em grande parte dos espectadores na diversas temporadas cumpridas pela peça entre 2013 e 2014. Havia uma curiosidade acerca das pessoas que haviam visto o filme antes da peça. Como reagiriam no teatro depois de terem sido abatidos pelas imagens realisticamente cruéis do belo filme de Villeneuve? Antes de conhecer o texto, eu havia visto o filme, e não me recordo de ter saído de um cinema tão abalado. No entanto, baseado nos relatos de espectadores, pode se dizer que uma obra não interferiu ou conduziu a recepção da outra. Acredito que isto se deve principalmente ao fato de que o diretor Aderbal Freire Filho procurou sempre salientar a grandiosidade da tragédia, evitando assim qualquer tentação dos atores em mergulhar nos conflitos psicológicos tão comuns em dramas naturalistas. O reconhecimento das qualidades particulares de cada meio de expressão nortearam as escolhas. A presença dos elementos épicos na encenação e conseqüentemente na atuação, fazem com que o espectador receba no peito o que só o teatro pode provocar através da presença concreta dos atores em cena. Neste sentido, percebe-se que Aderbal Freire Filho dialogou no silêncio com Mouawad, quando o último diz :

Tratava-se de revelar o ator pelo personagem, e de revelar o personagem pelo ator, para que não houvesse mais espaço psicológico capaz de separá-los. O único espaço que permitiu que o ator e o personagem não se confundissem totalmente foi o da ficção, do faz de conta, da imaginação.(MOUAWAD: 2013, 8)

É muito comum a palavra tragédia ser rapidamente associada ao antigo teatro grego de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, ou então, ao teatro elisabetano de Shakespeare, no entanto, ao se apropriar de uma estrutura dramatúrgica clássica que nos apresenta um enigma e que ao fim nos revela duramente a origem de toda a tragédia de Nawal, Mouawad consegue reascender em nós o atordoamento diante daquilo que não conhecemos. Como diz Nawal em carta aos filhos após sua morte: “Há verdades que só podem ser reveladas se forem descobertas”. A montagem dirigida por Aderbal Freire Filho escutou esta reflexão da personagem, e através dos caminhos escolhidos, consegue fazer com que o espectador participe ativamente desta busca. Ao final da peça quando o quebra-cabeças vai se encaixando, é muito frequente ouvirmos a reação do público, com suspiros e interjeições de espanto e horror. E no final, quando os atores vão ao proscênio agradecer, a dor presa na garganta está refletida na presença das lágrimas que escorrem dos olhos do público. Neste momento, é possível compreender a força que uma tragédia contemporânea emana, ao ser compartilhada verdadeiramente entre os atores e o público.

Texto: Wajdi Mouawad; Tradução: Angela Leite Lopes; Direção: Aderbal Freire Filho; Elenco: Marieta Severo, Felipe de Carolis, Keli Freitas, Márcio Vito, Kelzy Ecard, Isaac Bernat, Fabiana Mello e Souza, Júlio Machado e Flávio Tolezani; Diretor Assistente: Fernando Philbert; Direção de Produção: Maria Siman; Cenografia e Objetos: Fernando Mello da Costa; Figurinos: Antonio Medeiros; Iluminação: Luiz Paulo Nenen; Trilha Sonora: Tato Taborda; Direção de Movimento: Márcia Rubim. Produtores: Felipe de Carolis, Maria Siman e Marieta Severo; Produtor Associado Pablo Sanábio; Realização: Primeira Página Produções, Porto Marina Produções e Teatro Poeira.

BIBLIOGRAFIA

GREENBLATT, Stephen. *Como Shakespeare se tornou Shakespeare*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOUAWAD, Wajdi. *Incêndios*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

RUBIRA, Virginia. *Les Mythes dans le Théâtre de Wajdi Mouawad e Caya Makhélé*. Paris: Acoria Éditions, 2014.

WILLIAMS, Raymond. *A Tragédia Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.